

O livro relata a vida do visconde de Mauá (1813-89), também chamado o “empresário do Império”. O autor publicou uma obra que, de um lado, apresenta um rico depoimento histórico e, de outro, mostra facetas admiráveis do homem que, de muitas maneiras, abalou a sociedade brasileira do Império.

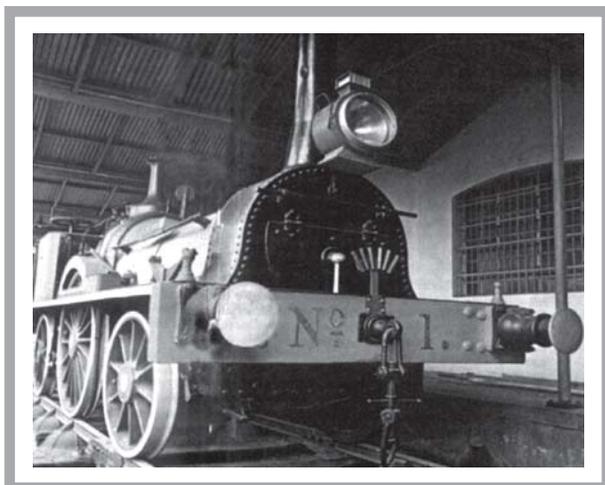
É muito interessante perceber quão atuais são os comentários que o autor faz em relação ao comportamento de Mauá, quando transportamos os fatos para os dias de hoje. Decididamente Mauá foi

um brasileiro que viveu fora do seu tempo. Ao percorrermos com o autor passos da vida do personagem, percebemos claramente como foi possível a Mauá, nascido em uma colônia, escravocrata, de família humilde, transformar-se em um empresário admirador do trabalho, empreendedor, com visão internacional e um dos homens mais ricos do seu tempo em todo o mundo.

Ao percorrermos o livro, torna-se difícil acreditar que na sociedade escravocrata do Império pudesse prosperar um homem com visão empresarial tão larga como a de Mauá.

*Irineu Evangelista
de Sousa, o visconde
de Mauá;
ao fundo, o ponto
de desembarque
do largo do Paço
no início da
década de 1830
(aquarela de
William
Smyth, 1832).*





CARLOS AMÉRICO MORATO DE ANDRADE é diretor do Instituto de Eletrotécnica e Energia da USP.

Mauá, Empresário do Império, de Jorge Caldeira, São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

A locomotiva da primeira ferrovia brasileira

A

CARLOS AMÉRICO MORATO DE ANDRADE

BIOGRAFIA

DE



Mauá foi inicialmente um comerciante, depois um banqueiro e por fim um empreendedor internacional, com negócios e empresas no Uruguai, Argentina e até na Inglaterra, o centro mundial do capitalismo na época.

Fica bem claro no livro que os recursos financeiros coletados por ele visavam em primeiro lugar o uso do dinheiro na produção de bens e serviços, na direção do progresso. Sempre lutou contra juros elevados, já que desejava lucros com a produção e não com a manipulação do dinheiro. Foi um banqueiro desenvolvimentista, jamais um usurário. Mauá chegou a criar e dirigir o maior banco da época, o Banco do Commercio e da Indústria do Brasil que, ao ser autorizado o seu funcionamento, passou a se denominar Banco do Brasil.

Mauá participou dos grandes acontecimentos políticos internacionais do Brasil imperial, sempre por solicitação dos governantes, já que possuía recursos e empresas capazes de sustentar até as guerras que envolveram o país. Teve, por décadas, posição de destaque no Uruguai, através de seu banco, ajudando com empréstimos, na maioria das vezes nunca pagos, o esforço de guerra desse país. Auxiliou o exército brasileiro na guerra do Paraguai, tendo sido amigo próximo do então marquês de Caxias. Quando a navegação no rio Amazonas foi ameaçada de ser internacionalizada por pressão dos Estados Unidos, montou uma empresa de navegação, a pedido dos governantes brasileiros, que passou a operar na região amazônica, dessa forma garantindo a soberania nacional na área.

Mauá criou o primeiro estaleiro da América do Sul na cidade do Rio de Janeiro e, também, a companhia de gás da capital federal, sendo responsável pela iluminação pública da cidade.

Ciente de que o centro econômico e financeiro do mundo localizava-se em Londres, criou aí um empreendimento bancário, captando recursos internacionais para aplicar na América do Sul, principalmente no Brasil. Esteve diretamente envolvido na construção das primeiras estradas de ferro nacionais, a Rio-Petrópolis e, depois, a Santos-Jundiá. Foi sua empresa que trouxe o primeiro cabo submarino para a comunicação telegráfica com a Europa. Envolveu-se, também, na agroindústria e na pecuária de grande escala.

Uma personagem tão diferente da média da sociedade em sua época teve certamente uma

oposição muito forte dos bem-situados e da maioria dos gabinetes conservadores e liberais do Império. Poucos foram aqueles que compreenderam seus ideais desenvolvimentistas e seus planos de uso de capitais internacionais no crescimento nacional. Sofreu perseguição constante dos detentores do poder, chegando até a ser desconsiderado pelo próprio imperador que, mais tarde, quando Mauá já tinha perdido boa parte do seu poder econômico, outorgou-lhe o título de visconde.

A falta de apoio oficial lhe valeu, no fim de sua vida, a decretação judicial de falência, apesar de detentor de enorme fortuna pessoal. Com um esforço gigantesco pagou todas as suas dívidas; todos aqueles que participaram de seus empreendimentos como sócios tiveram seus recursos ressarcidos. Usou seus bens pessoais para liquidar as dívidas de suas empresas, mesmo não sendo legalmente obrigado a fazê-lo.

O livro de Caldeira mostra que, se tivesse havido uma compreensão do governo brasileiro para com as idéias inovadoras de Mauá, o Brasil poderia ter se tornado, ainda no Império, uma potência industrial semelhante ao que se deu na América do Norte.

Infelizmente a sociedade brasileira apostou no tráfico de escravos, após 1851, na força de trabalho dos negros que aqui viviam e na atividade agrícola através da cana-de-açúcar e do café. Condenou-se ao obscurantismo que só 50 anos depois começaria a ser mudado.

O homem que acreditava no trabalho, que na inauguração da sua primeira estrada de ferro entregou orgulhosamente ao imperador uma pá, simbolizando o trabalho de seus construtores, não foi compreendido pela sociedade da época, nem mesmo pelos seus governantes. Fez quase tudo sem apoio oficial, muitas vezes condenado e perseguido pelas autoridades. Perdeu suas empresas e morreu um homem rico, com grande patrimônio pessoal, porém deixou um país atrasado, voltado para a agricultura de poucos produtos e estigmatizando o trabalho livre e remunerado. Essa visão do Brasil deve ter gerado em Mauá um sentimento de profunda dor, pois era o oposto do que sempre pregou e agiu nos seus 60 anos como Empresário do Império.

O livro de Caldeira é muito bem ordenado, cativa e prende o leitor, realizando um dos principais objetivos do autor, creio, exaltar a figura ímpar de Mauá.